

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



CERÂMICA ISLÂMICA EM PORTUGAL: 150 ANOS DE INVESTIGAÇÃO

Jaquelina Covaneiro / Câmara Municipal de Tavira / CEAUCP-CAM / jcovaneiro@cm-tavira.pt

Isabel Cristina Fernandes / Museu Municipal de Palmela / CEAUCP-CAM / isacrisff@gmail.com

Susana Gómez / Investigadora do Programa Ciência 2008 / FCT / CEAUCP-CAM / susanagomez@sapo.pt

Maria José Gonçalves / Câmara Municipal de Silves / CEAUCP-CAM / maria.goncalves@cm-silves.pt

Isabel Inácio / CEAUCP-CAM / isabelminacio@gmail.com

Constança dos Santos / CEAUCP-CAM / constancavs@gmail.com

Catarina Coelho / DGPC / CEAUCP-CAM / catgcoelho@gmail.com

Marco Liberato / IEM-FCSH-UNL / CEAUCP-CAM / marcoliberato@hotmail.com

Jacinta Bugalhão / FCT / UNIARQ / DGPC / CEAUCP-CAM / jacintabugalhao@gmail.com

Helena Catarino / FLUC / CEAUCP-CAM / hcatarino@fl.uc.pt

Sandra Cavaco / Câmara Municipal de Tavira / CEAUCP-CAM / scavaco@cm-tavira.pt

RESUMO

As primeiras referências sobre cerâmica islâmica em Portugal remontam ao final do século XIX. A investigação evolui timidamente até aos anos 80 do século XX, quando se assiste ao incremento dos estudos sobre a temática, impulsionado pelos projectos estruturantes de Mértola e Silves. Nos anos 90, este incremento intensifica-se e, na última década, aumenta o número, a diversidade e a dispersão geográfica de trabalhos e projectos, nomeadamente com origem em arqueologia urbana.

O projecto CIGA (Cerâmica Islâmica do Ġarb al-Andalus), iniciado em 2008, insere-se nesta dinâmica, promovendo a sistematização, problematização e divulgação de toda a informação dispersa e apresentando aqui uma síntese histórica dos estudos sobre cerâmica islâmica em Portugal, suas principais tendências, problemas, virtudes e perspectiva futuras.

ABSTRACT

The first references on islamic pottery in Portugal go back to the end of the nineteenth century. The modest evolution of the research until the 1980s was replaced by the development of the studies on this subject, pressed forward by the fundamental projects of Mértola and Silves. In the 1990s, this development was intensified and, in the last decade, the number, diversity and geographical dispersion of studies and projects was remarkable, particularly those originated from urban archaeology. The CIGA project (Cerâmica Islâmica do Ġarb al-Andalus), started in 2008, is part of this dynamics, promoting the systematization, the discussion and the diffusion of all the information and presenting here a composite paper about the studies on islamic ceramics in Portugal, its main tendencies, problems, virtues and future perspectives.

NOTA INTRODUTÓRIA

O grupo CIGA (Cerâmica Islâmica do Ġarb al-Andalus) consagra um especial louvor à Associação dos Arqueólogos Portugueses, centenária instituição fundada por Possidónio da Silva, emérito pioneiro da Arqueologia portuguesa. Prestamos homenagem também ao Museu do Carmo, aos corpos sociais e

a todos os sócios, juntando-nos às comemorações destes 150 anos de trabalho em prol da Arqueologia nacional. A nossa modesta contribuição é este ensaio histórico sintético sobre a evolução do estudo da cerâmica islâmica em Portugal, elaborado na sequência de anteriores experiências com idêntico propósito (Catarino, 1995/1997, 2002 e 2007; Gómez, 1998, 2006a e 2010; Gomes, 2002; Fernandes, 2005).

DO FINAL DO SÉCULO XIX A 1970: OS PRIMEIROS PASSOS

Quando se recua ao século XIX e aos trabalhos pioneiros da Arqueologia em Portugal, para cotejar referências sobre vestígios da época islâmica, deparamo-nos com um quase vazio de informações. Contudo, a qualidade tecnológica das produções cerâmicas e, sobretudo, as particularidades de algumas das suas concepções estéticas, desde cedo procuradas pelos antiquários, não deixaram indiferentes historiadores e arqueólogos, que as valorizavam essencialmente como manifestações artísticas, no capítulo das artes decorativas.

Nas primeiras explorações arqueológicas, sobretudo no Alentejo e no Algarve, apareceram vestígios muçulmanos, nem sempre porém catalogados correctamente. Um dos arqueólogos que mais mencionou cerâmicas islâmicas foi Estácio da Veiga (1828-1891) que, nas *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, teceu considerações laudatórias sobre o período em questão e sobre as “louças árabes” que encontrou (Catarino, 2007, pp. 179-194). Sobre essas “louças” e a título de exemplo, o arqueólogo algarvio explicou que, em Cacela: “não faltavam fragmentos dos preciosos jarrões ornamentados de relevo, que eram cingidos de inscrições cúficas” (Veiga, 1887, p. 401 e pp. 422-423), e a propósito de Torre dos Frades (Cacela), falou das “louças grosseiras, louças vidradas e vasos de barro amarelado com pinturas ordinárias (...). Todas (...) capituladamente árabes” (Veiga, 1887, p. 425). Sobre os achados no sítio de Vale Caranguejeiro (entre Tavira e Vila Real de Santo António), descreve e indica paralelos para alcatruzes: “de barro amarelado, com caneluras estreitas em relevo, similares aos alcatruzes inteiros [de] Silves” (Veiga, 1887, p. 422).

Reflexo da apreciação elogiosa sobre essa época é o que escreve acerca de Silves: “a soberba capital da província ou principado de Al-faghar” e seus importantes monumentos arquitectónicos, epigráficos e cerâmicas (Veiga, 1887, p. 357). Numa óptica de “interpretação estratigráfica”, diz que no Ilhéu do Rosário (Silves) apareceram “muitas louças árabes vidradas e logo abaixo louças romanas” (Veiga, 1887, pp. 351-352). Sobre os vestígios de Vila Velha de Alvor, também indica “muitos pedaços de louça árabe vidrada, de que foram mestres na península os taes mouros, que os nossos chronistas designam quase sempre com o epitheto de bárbaros...” (Veiga,

1887, p. 343). Finalmente, num apurado sentido crítico, comenta que “embora o fanatismo dos nossos chronistas quizesse desauctorisar essa esmerada civilização (...) taxando-a de bárbara (...), mais bárbaros foram os que no furor da intolerância destruíram tudo quanto essa civilização havia erigido no torrão peninsular” (Veiga, 1889, p. 53).

Similarmente, nas explorações arqueológicas de Mértola levadas a cabo pelo mesmo investigador e compiladas na obra monográfica *Memórias das Antiguidades de Mértola* (1880), são de realçar, no capítulo intitulado *Epocha Arabe*, as “louças que deveriam ser comuns nos usos da vida doméstica, que são, a meu ver, as que mais conviria coligir todas as vezes que os seus próprios fragmentos se manifestassem em condições propícias ao estudo” (Veiga, 1980, p. 162). Critica, ainda, o facto de em Portugal existir uma pobreza de estudos sobre cerâmica islâmica e se estudarem apenas os objectos de luxo (*apud* Catarino, 1995/97, pp. 160-161).

Outros seguiram o exemplo do arqueólogo de Tavira, como foi o caso de António dos Santos Rocha (1853-1910), que procedeu a várias explorações arqueológicas no Algarve. Em 1895, escavou os silos de Bensafrim, já conhecidos de Estácio da Veiga, corrigindo a avaliação deste: “Divergindo o modo de ver do meu bom amigo, a cerâmica é, sem contestação, árabe” (Rocha, 1904, pp. 20-21 e Est. II e III). Na verdade, dos desenhos apresentados, só os das figuras 29, 30 e 31 são de época islâmica, sendo os restantes posteriores. As escavações em Santa Olaia permitiram-lhe identificar “uns povoados sobrepostos”, restos de estruturas medievais e, sobre algumas cerâmicas pintadas, questiona se “Seriam árabes as louças pintadas de Santa Olaia? A afirmativa também não repugnava. Ali existiu um castelo, que foi ocupado pelos árabes” (Rocha, 1971, p. 143). Outro pioneiro e grande vulto da arqueologia nacional, Leite de Vasconcelos (1858-1941), não deixou de mencionar vestígios dessa época, referindo, para além de epígrafes e moedas, sobretudo candis (lucernas ou candeias arábicas), por exemplo de Torre d’Ares e de Faro (Vasconcelos, 1917, p. 126), de Silves e de Cacela (Vasconcelos, 1902, pp. 119-123). Refiram-se, ainda, as suas observações sobre o sítio da Cola (Ourique), onde colheu “apontamentos breves” relativos a vestígios do período romano. A verdade é que um dos desenhos que ilustra (Figura 7) pertence ao fragmento de uma talha estampilhada, do mesmo tipo dos “jarrões ornamentados

de relevo” que Estácio da Veiga elogiava. Outro exemplo, menos fácil de identificar como islâmico, é a panela proveniente da mina de cobre da Serra de Caveira (Canal Caveira): “um vaso de barro, um tanto grosseiro, espécie de panela ou olla, com duas asas” (Vasconcelos, 1914, p. 311, Figura 31).

A partir da década de 40 do século XX, a revista *Arquivo de Beja* abre nova etapa na divulgação de trabalhos regionais do Baixo Alentejo, e cabe a Abel Viana, figura incontornável da arqueologia alentejana e algarvia, encetar pesquisas nas épocas visigótica e islâmica. Salienta-se o seu estudo sobre peças árabes do Museu Regional de Lagos, em colaboração com José Formosinho e Octávio Veiga Ferreira (1953). Este arqueólogo também refere achados de “cerâmica árabe” junto da muralha de Beja e estuda os objectos depositados no Museu Regional de Beja, incluindo cerâmica islâmica, por vezes atribuídos à época moderna (Viana, 1945, pp. 333-339). Das escavações que realiza no Castro da Cola (Ourique) a partir de 1958, divulga a planta das estruturas e cerâmicas árabes, embora ainda sem descrições detalhadas (Viana, 1958, 1959 e 1960). Finalmente, em 1962, surge a sua obra *Algumas noções elementares de arqueologia prática*, que inclui um capítulo sobre vestígios de época islâmica.

DE 1970 A 1998: AFIRMAÇÃO DA ARQUEOLOGIA ISLÂMICA E DA CERÂMICA COMO SEU FÓSSIL-DIRECTOR

Os anos 70 foram determinantes para a afirmação da arqueologia islâmica em Portugal. A intervenção – marco que definiu, no terreno, o início do interesse pela cultura material islâmica foi a do Cerro da Vila (Vilamoura), dirigida por José Luís de Matos, desde 1971, pioneira no que se refere ao estudo da cerâmica muçulmana em contexto. Este arqueólogo procede também ao reconhecimento de espólio islâmico do Museu de Beja, das colecções de Loulé e de Silves no Museu Nacional de Arqueologia e de materiais no Castro da Cola. A ele se deve a regência da cadeira de *Arqueologia Árabe Medieval* (1977/78) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde a cerâmica muçulmana assume protagonismo, proporcionando aos alunos o contacto directo com esses materiais e o ensaio do respectivo desenho arqueológico.

Pouco depois (1979/80) arranca o projecto de Mértola, encabeçado por Cláudio Torres e será a partir desta vila alentejana que crescentemente se torna

evidente a dimensão dos vestígios islâmicos no território português, com destaque para a cerâmica. O significado do espólio cerâmico aí exumado, as suas qualidades, quantidade e o bom estado de conservação, justificaram que se tornasse o símbolo do Campo Arqueológico de Mértola e uma montra privilegiada para o exterior. O catálogo *Cerâmica Islâmica Portuguesa* (Torres, 1987) foi a primeira publicação chamativa de Mértola e um ícone da arqueologia islâmica em Portugal e dos estudos de cerâmica deste período. Nesse mesmo ano realiza-se, em Lisboa, o IV Congresso Internacional *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental* (Silva & Mateus, 1991), onde se apresentaram cerâmicas muçulmanas de Mértola, de Beja, do Cerro da Vila, de Silves e de Cascais. O contacto com o universo de estudos ceramológicos de Espanha e França transportou-nos para um maior reconhecimento das potencialidades destas produções e da necessidade de investir mais nesta área.

A actividade arqueológica em Silves, liderada por Rosa Varela Gomes, desde o início dos anos 80, tem destaque nas escavações do castelo. Os primeiros resultados são publicados no estudo *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves* (Gomes, 1988), que trata o espólio cerâmico a partir da sua contextualização estratigráfica. Sucedem-se outros estudos, nos quais a autora explora as diversificadas manifestações culturais e materiais da cidade. Ainda no Algarve, o estudo de fortificações e do povoamento rural islâmico será objecto de outros projectos, dirigidos por Helena Catarino, mormente nos castelos de Alcoutim (1984), Salir e Paderne (estes em 1987), com uma primeira síntese, apresentada em 1988. No final desta década e nos 15 anos seguintes, merecem também referência os trabalhos desenvolvidos por Teresa Gamito, tanto em meio urbano como rural, incluindo menção aos conjuntos cerâmicos (Gamito, 2003).

O impulso mais significativo, em termos de divulgação de estudos, a partir de 1992, é dado com a revista *Arqueologia Medieval*, editada pelo Campo Arqueológico de Mértola, que dedica um espaço significativo à cerâmica islâmica. Para além de Mértola, os primeiros números deram a conhecer cerâmicas islâmicas de Silves, Juromenha, Montinho das Laranjeiras, Mesas do Castelinho, Paderne, Alcácer do Sal e Milreu.

Ainda em Mértola, os estudos específicos sobre cerâmica sofrem um impulso considerável a partir dos anos 90 pela mão de Susana Gómez Martínez (cul-

minando na sua tese de doutoramento – 2006a), trabalho que se prolonga em numerosas colaborações com outros investigadores sobre conjuntos cerâmicos islâmicos de diversos sítios do Garb al-Andalus. A publicação dos resultados das escavações no bairro da alcáçova, por Santiago Macías (1996) consagrou a relevância dos conjuntos cerâmicos desta vila alentejana para o conhecimento do quotidiano doméstico das populações islâmicas medievais do Garb.

Após as primeiras intervenções de Lisboa, nos anos 80, assiste-se na década de 90, ao *boom* da arqueologia urbana. Para além das cidades já referidas, Santarém, Torres Vedras, Sintra, Almada, Palmela, Alcácer do Sal, Juromenha, Évora, Moura, Silves e Tavira são exemplos de dinâmica na investigação arqueológica do período islâmico, expressa nos vários encontros de arqueologia urbana (1985, Setúbal; 1994, Braga; 1997, Almada), que também veiculam alguma informação sobre cerâmicas islâmicas (Silves, Alcácer do Sal e Almada). Os trabalhos arqueológicos dos anos 90, em Lisboa, permitiram definir ocupações islâmicas notáveis na Sé Catedral, na baixa pombalina (nomeadamente, no NARC/BCP, Mandarin Chinês, Praça da Figueira) e no Castelo de S. Jorge, com resultados muito interessantes no que respeita ao espólio cerâmico, publicados sobretudo a partir de finais da década. Ainda na região de Lisboa, há que mencionar os estudos sobre cerâmicas de Caparide (Cascais), Almada e Castelo de Povos – Vila Franca de Xira; bem como as escavações no Castelo de Sintra e em Santarém, que forneceram um conjunto apreciável de vasilhame de época muçulmana.

Junto à foz do Sado, o Castelo de Palmela foi objecto de intervenção arqueológica desde 1992, sob direcção de Isabel Cristina Fernandes, com registo de cerâmicas em contexto, num arco cronológico alargado até à segunda metade do séc. XII (Fernandes, 2004). Ao longo da linha de costa da Arrábida, em Setúbal, Creiro, Lapa do Fumo e Sesimbra foram registadas algumas cerâmicas muçulmanas. A intervenção no Castelo de Alcácer do Sal forneceu conjuntos cerâmicos de grande interesse, sobretudo para a fase almóada.

O conhecimento morfo-tipológico da cerâmica emiral até aos almóadas, proveniente de meio rural, ganhou expressão com o extenso estudo do Algarve oriental (Catarino, 1997/1998). Também a experiência de Alcária Longa (Mértola) e a intervenção na fortificação de Mesas do Castelinho (Almodôvar)

forneceram bons contributos neste âmbito. Mais a norte, na península da Arrábida, as escavações na alcária do Alto da Queimada (Palmela), iniciadas em 1996, revelaram cerâmicas do período omíada, importantes para o entendimento dos espaços rurais (Fernandes, 2004).

No âmbito da divulgação, saliente-se a dinâmica em torno da cerâmica medieval e pós-medieval gerada pelas jornadas de Tondela, em 1992 (Abraços & Diogo, 1995) e 1995 (Abraços & Diogo 1998), com estudos sobre a cerâmica islâmica de Mértola, Silves, Évora, Castro da Cola e Olhão. Igualmente em 1995, o VI Congresso *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, realizado em Aix-en-Provence, contou com contributos portugueses sobre cerâmica islâmica de Mértola e de Palmela.

No que respeita à apresentação pública, na exposição *Lisboa Subterrânea*, no Museu Nacional de Arqueologia, em 1994, o islâmico teve já o seu lugar, reafirmado em obras como a *História da Arte Portuguesa* dirigida por Paulo Pereira e *O legado islâmico em Portugal* de Cláudio Torres e Santiago Macias.

DE 1998 À ACTUALIDADE: ENTRE “O PORTUGAL ISLÂMICO. OS ÚLTIMOS SINAIS DO MEDITERRÂNEO” E O “X CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO”

A exposição *O Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo* (1998), patente no Museu Nacional de Arqueologia, teve uma importância singular na divulgação perante o público em geral, devido à sua abrangência territorial e número de visitantes. A esta exposição juntaram-se outras, com importantes conteúdos em cerâmica islâmica (por exemplo *Palácio Almóada da Alcáçova de Silves*, 2001; *De Scalabis a Santarém*, 2002; *Tavira. Território e poder*, 2003; *Ribãt da Arrifana. Cultura material e espiritualidade*, 2007; *Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes*, 2008; *Do Garb ao Algarve: uma sociedade islâmica do Ocidente*, 2010; *Os signos do quotidiano*, 2011) e a inauguração de vários núcleos museográficos com colecções islâmicas (Silves em 1990, Loulé em 1995, Mértola e Faro em 2001, Castelo de São Jorge em 2009 e Tavira em 2012), sempre acompanhados dos respectivos catálogos. Não é de somenos importância a presença de peças portuguesas em importantes exposições internacionais como *Les Andalousies de Damas à*

Cordoue (Paris, 2000), *El esplendor de los Omeyas cordobeses* (Madinat al-Zahra, 2001), *Los Jarrones de la Alhambra. Simbología y poder* (Alhambra de Granada, 2007) ou *Lusa: a matriz portuguesa* (Brasília e São Paulo, 2008).

A partir da exposição *Portugal Islâmico* assistimos a um incremento exponencial de publicações sobre cerâmica islâmica: cerca de 3/4 das referências são posteriores a 1998. Na impossibilidade de enumerar exaustivamente os quase 300 títulos referenciados, limitar-nos-emos a assinalar as obras de referência, remetendo uma consulta bibliográfica mais exaustiva para as actas do encontro *O Gharb Al-Ándalus. Problemáticas e novos contributos em torno da cerâmica*, que teve lugar em Mértola no ano de 2009 (*Arqueologia Medieval*, 12).

Nesta fase, as reuniões científicas foram um eficaz meio de difusão, com mais de 100 artigos publicados. As Jornadas de Tondela foram um veículo de publicação, mas sobretudo um foro de debate fundamental (Abraços & Diogo, 2004; Diogo, 2008). Desde 2001, os Encontros de Arqueologia do Algarve, organizados pela Câmara Municipal de Silves (publicados na *Xelb*), têm sido um palco privilegiado para a arqueologia do Algarve e do resto do país. Neles, os conteúdos islâmicos tiveram sempre uma ampla representação, sendo de salientar o 6.^o Encontro realizado em 2008, com carácter monográfico: *O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo* (Gonçalves, 2009). No âmbito internacional, a participação nos congressos da *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* – Tessalónica, 1999 (Bakirtzis, 2003); Ciudad Real, 2006 (Zozaya et alii, 2009); Veneza, 2009 (Gelichi, 2012) – tem garantido repercussão dos estudos portugueses a nível internacional. A estes congressos podemos acrescentar os encontros científicos monográficos *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb* em 2000 (Fernandes, 2002), *Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro* em 2003 (Barroca & Fernandes, 2005), *Al-Andalus espaço de Mudança* em 2005 (Gómez Martínez, 2006), etc.

Também foi exponencial o aumento de trabalhos académicos sobre o Ġarb al-Andalus nos quais a cerâmica é um aspecto fundamental. Registe-se as teses de doutoramento de Helena Catarino (UC 1997), de Rosa Varela Gomes (UNL 1998) e de Susana Gómez Martínez (UCM 2004) e ainda cerca de vinte dissertações de mestrado, umas exclusivamente sobre cerâmicas – Rocío Álvaro (2001), Nádía Torres

(2004), Carlos Silva (2008), Inês Simão (2008), Maria Mulize Ferreira (2009), Liliana Serrano (2011), Marta Silva (2011), Marco Liberato (2012), Vanessa Filipe (2012), Patrícia Rodrigues (2012) e Sarah Henry (2012) –, outras onde a cerâmica tem papel importante na contextualização e compreensão dos monumentos e sítios estudados – Isabel Cristina Fernandes (2001, publicada em Fernandes, 2004), Maria José Gonçalves (2008), Sandra Cavaco (2011) e Luís Ribeiro Gonçalves (2012).

Nos últimos anos, grande parte da investigação desenvolvida residiu na enorme quantidade de informação trazida à luz pela explosão da arqueologia preventiva. Mesmo que muita dessa informação se mantenha ainda inédita, são meritórias as intervenções que resultaram em publicação, embora a análise dos materiais costume ser fugaz e carente do pormenor que desejaríamos. É de destacar o contributo decisivo que este tipo de intervenções teve no conhecimento de algumas cidades (nomeadamente, Coimbra, Lisboa, Santarém, Faro, Loulé, Silves e Tavira) e também alguns territórios rurais (estuários de Tejo e Sado e nas áreas afectadas pelo empreendimento do Alqueva) (ver sínteses nas Actas do encontro *O Gharb Al-Ándalus...*, 2012).

É neste período que se desenvolvem os primeiros trabalhos arqueométricos, em Mértola e Lisboa (Dias et alii, 2001; Dias et alii, 2008 e 2009). Contudo, são ainda poucos os projectos de investigação sistemática para a cerâmica do Ġarb al-Andalus. Destacam-se o projecto POILIX, sobre a produção e consumo de cerâmicas de Lisboa (1997 a 2006) (Bugalhão & alli, 2008) e o projecto *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular* (Lacerda & alii, 2001). Esta escassez de projectos de investigação sistemática de conjunto tem provocado uma acentuada falta de estudos de síntese, razão pela qual surgiu a iniciativa do grupo CIGA (<http://www.camertola.pt/info/ciga>). A necessidade de definir a funcionalidade dos objectos, as diferentes realidades no tempo e no espaço, a distribuição, o comércio e a elaboração de estudos de síntese são o grande móbil congregador deste projecto. Apesar da falta de financiamento, o projecto promoveu já estudos de conjunto (Bugalhão et alii, 2010; Catarino et alii, 2012; Cavaco et alii, 2012), com especial destaque para os incluídos nas actas do referido encontro *O Gharb Al-Ándalus. Problemáticas e novos contributos em torno da cerâmica* (2012).

A evolução recente da investigação sobre cerâmica islâmica em Portugal espelha-se bem no con-

junto de trabalhos apresentados no *X Congresso Internacional sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (Silves, 2012). Das 44 comunicações e *posters* apresentados sobre Portugal, mais de metade (24) versavam sobre cerâmicas islâmicas.

Será que, a partir deste congresso, podemos esperar um salto qualitativo e quantitativo semelhante ao que aconteceu há 25 anos, após o *IV Congresso da Cerâmica Medieval no Mediterrâneo de Lisboa*? Obviamente a conjuntura socioeconómica não é nada favorável a que tal aconteça. À inexistência de financiamento público específico para a investigação arqueológica, junta-se o esperado decréscimo de financiamento pela FCT no âmbito das ciências sociais e humanas. Por outro lado, a diminuição do número de intervenções arqueológicas repercutir-se-á na quantidade de novos achados, situação que deverá ser compensada com o estímulo à realização de trabalhos académicos e com o estudo efectivo dos numerosos contextos exumados nas últimas duas décadas e que permanecem em grande parte inéditos.

CONCLUSÕES

Em regra geral, verifica-se uma grande disparidade na qualidade da informação disponível, decorrente do reduzido conhecimento da cerâmica islâmica, da dificuldade da maioria dos arqueólogos em reconhecer a e da falta de uniformização na terminologia e nos critérios de representação gráfica. Do ponto de vista geográfico, as assimetrias são muito fortes, com lacunas relevantes a norte do Tejo e grande desequilíbrio entre os territórios rurais e urbanos. Do ponto de vista cronológico, os períodos finais de ocupação são os mais beneficiados, por evidentes razões estratigráficas: a mudança na cultura material provocada pela conquista cristã foi generalizada e muito mais forte do que as mudanças operadas ao longo dos séculos anteriores, onde os elementos de continuidade foram dominantes. É no âmbito da seriação cronotipológica que se enquadra a maior quantidade de trabalhos, embora só em alguns casos signifique um esforço de síntese para um território. Do ponto de vista da produção, as maiores dificuldades prendem-se com o número diminuto de estruturas de produção encontradas: apenas foram publicadas as localizadas em Vilamoura, Lisboa e Mértola. Do ponto de vista da distribuição encontramos dificuldades semelhantes, embora alguns avanços se tenham alcançado relativamente às produções de luxo. A abor-

dagem simbólica e iconográfica da cerâmica teve alguma expressão no estudo do Vaso de Tavira e na já referida exposição *Os Signos do Quotidiano*.

BIBLIOGRAFIA

ABRAÇOS, H.; DIOGO, J. M., eds. (1995) – *Actas das 1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal.

ABRAÇOS, H.; DIOGO, J. M., eds. (1998) – *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal.

ABRAÇOS, H.; DIOGO, J. M., eds. (2004) – *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal.

ARCHIMBAUD, G. D. D', ed. (1997) – *Actes du VI Colloque International sur la Céramique Médiévale in Méditerranée*. Aix-en-Provence: Narrations Editions.

Arqueologia Medieval, 1-12. Porto: Edições Afrontamento.

BAKIRTZIS, Ch., ed. (2003) – *Actes du VIIe Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée*. Atenas: Ministère de la Culture/Caisse des Recettes Archéologiques.

BARROCA, M. J.; FERNANDES, I. C., eds. (2005) – *Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. Palmela: Câmara Municipal/Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BUGALHÃO, J.; GOMES, S.; SOUSA, M. J.; FOLGADO, D.; GONZÁLEZ-TINTURÉ, A.; MORENO-GARCÍA, M.; DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I. (2008) – Produção e consumo de cerâmica islâmica em Lisboa: conclusões de um projecto de investigação. *Arqueologia Medieval*. Porto. 10, pp. 113-134.

BUGALHÃO, J.; CATARINO, H.; CAVACO, S.; COVANEIRO, J.; FERNANDES, I. C. F.; GOMES, A.; GÓMEZ MARTÍNEZ, S.; GONÇALVES, M. J.; GRANGÉ, M.; INÁCIO, I.; LOPES, G.; SANTOS, C. (2010) – Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus. *Xelb*. Silves. 10, pp. 455-476.

CATARINO, H. (1995/1997) – Arqueologia do período islâmico em Portugal: breve perspectiva. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 13/15, pp. 457-484.

CATARINO, H. (1997/1998) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. Al-Ulyâ*. Loulé. 6 vol. I, II e III.

CATARINO, H. (2002) – Arqueologia Medieval: o estado da 'arte' e novas perspectivas. In ENCARNAÇÃO, J. d', ed. – *As Oficinas da História* Ed. Colibri/FLUC, pp. 131-148."

CATARINO, H. (2007) – Arqueologia da Antiguidade tardia e do período islâmico do Algarve na época de Estácio da Veiga. *Xelb*. Silves. 7, pp. 179-194.

- CATARINO, H.; CAVACO, S.; COVANEIRO, J.; FERNANDES, I. C. F.; GOMES, A.; GÓMEZ MARTÍNEZ, S.; GONÇALVES, M. J.; GRANGÉ, M.; INÁCIO, I.; LOPES, G.; SANTOS, C.; BUGALHÃO, J. (2012) – La céramique islamique du Ġarb al-Andalus: contextes socio-territoriaux et distribution. In *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo*. Venezia: Edizioni All’Insegna del Giglio, pp. 429-441.
- CAVACO, S.; COVANEIRO, J.; FERNANDES, I. C.; GOMES, A.; GÓMEZ MARTÍNEZ, S.; GONÇALVES, M. J.; GRANGÉ, M.; INÁCIO, I.; LOPES, G.; SANTOS, C.; BUGALHÃO, J.; CATARINO, H. (2012) – O Ġarb al-Andalus. Problemáticas e novos contributos em torno da cerâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 12, pp. 5-6.
- DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; GOUVEIA, M. Â. (2001) – Arqueometria de cerâmicas islâmicas das regiões de Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal (Portugal): caracterização química e mineralógica. In *Ġarb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: IPPAR/Junta de Extremadura, pp. 257-281.
- DIAS, M. I. PRUDÊNCIO, M. I., BUGALHÃO, J., GOMES, S., SOUSA, M. J.; FOLGADO, D. (2008) – A produção de cerâmicas no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica. Primeiros resultados arqueométricos. *Promontoria Monográfica*. Faro. 11, pp. 157-167.
- DIAS, M. I., PRUDÊNCIO, M. I., GOUVEIA, M. A., GOMES, A.; GASPAS, A. (2009) – Tecnologias de produção de cerâmicas pintadas dos séculos XI a XII do Castelo de S. Jorge (Lisboa, Portugal). In *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo*, tomo II. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 963-966.
- DIOGO, J. M., ed. (2008) – *Actas das 4ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal.
- FERNANDES, I. C. F., ed. (2002) – *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. Palmela: Ed. Colibri/Câmara Municipal de Palmela.
- FERNANDES, I. C. F. (2004) – *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela.
- FERNANDES, I. C. F. (2005) – Arqueologia Medieval em Portugal: 25 anos de investigação. *Portugália*, XXVI, Nova Série. Porto, pp. 149-173.
- GAMITO, Teresa Júdice (2003) – *O Algarve e o Magreb (711 - 1249)*. Faro: Universidade do Algarve.
- GELICHI, S., ed. (2012) – *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo*. Venezia: Edizioni All’Insegna del Giglio.
- GOMES, R. V. (1988) – Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves. *Xelb*. Silves. 1.
- GOMES, R. V. (1998) – *Silves (Xelb), uma cidade do Ġarb al-Andalus*. *Arqueologia e História (séculos VIII-XIII)*. Tese de doutoramento em História, especialidade Arqueologia. Lisboa. UNL. FCSH. Cfr. *Série Trabalhos de Arqueologia*, 23 (2002), 35 (2004), 44 (2006) e 53 (2011).
- GOMES, R. V. (2002) – O século XX e a Arqueologia Muçulmana em Portugal. *Arqueologia & História*. Lisboa. 54, pp. 203-220.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (1998) – A Cerâmica no Ġarb al-Ândaluz. In *Portugal Islâmico – Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 121-131.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S., ed. (2006) – *Al-Ândalus espaço de mudança. Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais. Seminário de Homenagem a Juan Zozaya Stabel – Hansen*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (2006a) – *Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. http://cisne.sim.ucm.es/search*spi~S7/X?SEARCH=susana+gomez+martinez&searchscope=7&SORT=D. [Consult. 14 Nov. 2007].
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (2010) – Reflexão crítica sobre o estado da investigação para o período medieval islâmico no Algarve. *Xelb*. Silves. 10, pp. 497-508.
- GONÇALVES, M. J., ed. (2009) – *O Ġarb no al- Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos*. *Xelb*. Silves. 9.
- LACERDA, M.; SOROMENHO, M.; RAMALHO, M. M.; LOPES, C., eds. (2001) – *Ġarb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: IPPAR/ Junta de Extremadura.
- Lisboa Subterrânea* (1994) – Lisboa: Instituto Português de Museus.
- MACIAS, S. (1996) – *Mértola islâmica – Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séc. XII-XIII)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- O Ġarb Al-Ândalus. Problemáticas e novos contributos em torno da cerâmica, Mértola, 2009* (2012) – Porto: Edições Afrontamento (Arqueologia Medieval, 12).
- Portugal Islâmico – Os últimos sinais do Mediterrâneo* (1998) – Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- ROCHA, A. S. (1904) – Notícia de alguns silos e louças árabes do Algarve. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, I: 1. Figueira da Foz, pp. 20-21.
- ROCHA, A. S. (1971) – Memórias e explorações arqueológicas. Memórias sobre a Antiguidade. In *Acta Universitatis Conimbrigensis*. Coimbra. II.

SILVA, L. A.; MATEUS, R., eds. (1991) – *Actas do IV Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

TORRES, C. (1987) – *Cerâmica islâmica portuguesa. Catálogo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

VASCONCELOS, J. L. (1902) – Candeias árabes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. VII, pp. 119-125.

VASCONCELOS, J. L. (1914) – Excursão arqueológica à Extremadura Transtagana. *O Archeologo Português*. Lisboa. XIX, pp. 300-323.

VASCONCELOS, J. L. (1917) – Coisas Velhas. *O Archeologo Português*. Lisboa. XXII, pp. 107-169.

VASCONCELOS, J. L. (1933) – Excursão pelo Baixo Alentejo. *O Archeologo Português*. Lisboa. 29, pp. 230-246.

VEIGA, S. P. M. E. (1880) – *Memoria das antiguidades de Mértola observadas em 1877 e relatadas por...* Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. M. E. (1887) – *Antiguidades monumentaes do Algarve*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. E. (1889) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional.

VIANA, A. (1945) – Museu regional de Beja. Alguns objectos da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e da Época Romana; cerâmica argárica; cerâmica árabe. *Arquivo de Beja*. Beja. II, pp. 309-339.

VIANA, A. (1958) – Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique). *Arquivo de Beja*. Beja. XV, pp. 25-35.

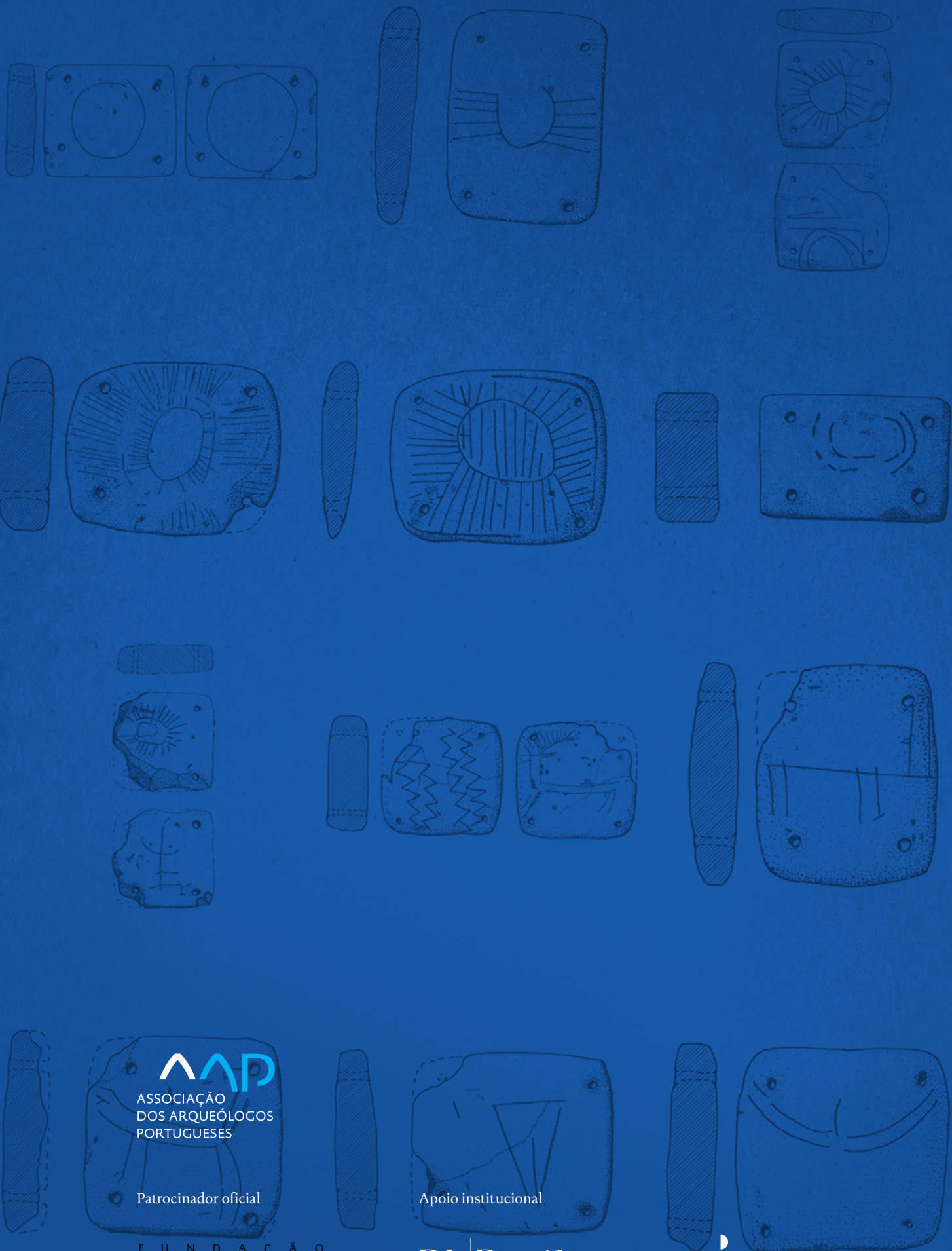
VIANA, A. (1959) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. 1. Castro de Nossa Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. XVI, pp. 3-24.

VIANA, A. (1960) – Notas históricas arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. XVII, pp. 138-226.

VIANA, A. (1962) – *Algumas Noções Elementares de Arqueologia Prática*. Beja: Livros Suméria.

VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. V. (1953) – De lo prerromano a lo árabe en el Museu Regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueologia*: XXVI. Madrid, pp. 113-138.

ZOZAYA STABEL-HANSEN, J.; RETUERCE VELASCO, M.; HERVÁS HERRERA, M. Á.; DE JUAN GARCÍA, A., eds. (2009) – *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo*. 2 Tomos. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDACÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua